

Registo em **8.1.10** – 11:00 ☉ PPA em **13.1.10** – 12:00 ☉ **ANTENA 1** – Estreia em **15.1.10** – 17:12 ☉ 1ª Repetição em **16.1.10** – Antena 1 - 13:07
 Autoria **Adelino Gomes** ☉ Com **Viriato Teles** ☉ Produção **Anacleto Cruz** ☉ Vozes de **Isabel Bernardo** e **Alberto Ramos** ☉ Gravação de **Paula Guimarães**

GENÉRICO de Abertura

00:10

AR – A ouvinte Antónia Lemos Teixeira é guineense. Médica. Reside em Luanda neste momento. E lá ouve a RDP África. De que começou por gostar muito.

IB – Agora, enviou ao provedor uma mensagem a dizer que as emissões já não são hoje como eram no passado. Aproveitando uma passagem por Lisboa, o gabinete do provedor pediu-lhe que verbalizasse as suas críticas.

Provedor – As críticas da ouvinte, as respostas dos visados e a opinião do provedor preenchem o programa de hoje. Antes, porém, peço a vossa atenção para as palavras deste ouvinte. Sobre o tempo de chuva e neve que tem havido nas últimas semanas em Portugal continental e nas regiões autónomas. Sábias palavras estas do engenheiro agrícola Luís Coimbra Gramacho:

Ouvinte Luís Coimbra Gramacho – *Nos últimos dias tenho vindo a ouvir com desagrado na rádio e televisão que, quando os senhores jornalistas se referem à meteorologia, "está mau tempo". Considero que a utilização de tal expressão é errada. Estamos no mês de Janeiro. Em Janeiro a estação do ano é Inverno. No Inverno é normal acontecer muita precipitação e temperaturas baixas. Por vezes é normal ocorrer neve e gelo em locais mais propícios, como locais com maior altitude e em sítios abrigados. Então o porquê de falarem em "mau tempo". O tempo que se verifica é o tempo normal para a época. No Verão quando estão temperaturas altas também falam em "mau tempo"? Com temperaturas altas não é muito agradável circular ao ar livre nem estar muito tempo a descoberto a apanhar radiação solar intensa. Então porque não utilizar o mesmo critério? O que é bom tempo e mau tempo? Quem define estes termos?*

Provedor – Ouvinte Luís Coimbra Gramacho, de Lisboa.
 Uma excelente reflexão que aqui deixo para todos os profissionais da rádio pública.

Base musical	1	<i>RS jingle RDP África 1.12</i>
---------------------	----------	----------------------------------

Provedor – E agora sim, a gota da emissão da RDP África que fez entornar o copo da ouvinte António Lemos Teixeira, uma guineense residente em Luanda:

Jingle RDP África e palavras de João Diogo, emissão de 1.12.2009	João Diogo RDP África
“Início de mais uma sessão aqui na RDP África. Começámos pela manhã, para lhe fazer companhia ao longo deste feriado. E também para ficar consigo – eu, João Diogo – até às três da tarde. Por isso, já sabe: hoje, programação algo diferente. Porque é feriado, porque iniciámos o mês de Dezembro e vamos por aí fora até final do ano. É o último mês do ano, o tempo não está muito agradável para quem quer sair de casa, no entanto está bom para quem queira ficar em casa a repousar, a ver televisão, a ouvir música, a ficar com a RDP África...	

Base musical	2	Mix com RS Ouvinte Antónia Lemos Teixeira
---------------------	----------	---

Ouvinte Antónia Lemos Teixeira – *Serei muito sintética, sem prejuízo de algumas amáveis palavras que gostaria de deixar: o obrigado à RDP África, que é "a nossa verdadeira CPLP" porque é a única circulação viva e quotidiana que temos; e também uma saudação muito especial ao jornalista João Diogo, a cujo programa se dirigem estas minhas sugestões. Eu assisti à inauguração da RDP África e tenho acompanhado atentamente o seu percurso, mas à medida que o tempo vai passando sinto uma insatisfação triste, que sinto ser partilhada por muitos quadros lusófonos da minha geração, que se estão a deslocar enquanto ouvintes para a Radio France Internationale, a RFI, devido a notarem uma certa “falta de elevação” cultural e educacional que nos entristece.*

AR – A ouvinte Antónia Lemos Teixeira narra a seguir as duas razões próximas desta sua mensagem:

Ouvinte Antónia Lemos Teixeira – *Deixe-me assinalar um ponto concreto da edição de hoje, dia 1 de Dezembro, feriado aí em Portugal, mais ou menos 11 horas da manhã: o jornalista refere que não estando um tempo muito agradável, mas sendo feriado é um bom dia para as pessoas ficarem em casa “a ver televisão” e “ouvir música”. Assim se fala, com certeza com muito boa vontade, mas sem ter consciência de que o auditório não se restringe ao espaço português. Não é feriado em mais nenhum outro país lusófono, e mais grave ainda, na minha opinião, é que se sugere como normal, e até boa prática, ver televisão e ouvir música. Ao mesmo tempo?, pergunto eu. Assim se propagam certos valores e maneiras de estar que não promovem nem favorecem o acesso e o desenvolvimento de vivências mais saudáveis e mais consonantes com a actualidade e até com as nossas culturas. Porque não sugerir uma boa conversa, uma leitura, dançar, ouvir música? Fazer exercício, por exemplo? Nós temos experimentado bem, infelizmente, como a televisão nos tem roubado espaço de convívio de que tanto precisamos. Mas pergunto também: será dada ao jornalista a oportunidade de ver, ler e sentir o que de melhor se está fazendo na rádio por esse mundo fora, que se dirige às comunidades na diáspora? Por exemplo: Paris, Joanesburgo, Londres? Ser-lhe-á dado o espaço e o tempo para ele próprio e seus colegas jornalistas se irem tornando cada vez mais "cosmopolitas", para*

poderem elevar e actualizar o nível e o conteúdo da sua comunicação? Seria bom para eles – seria, com certeza – mas muito melhor para nós, ouvintes.

Outro ponto concreto desta manhã: música marcial. Deixe-me dizer antes de mais, senhor Provedor, que todos nós adoramos Mama Djombo. Mas porque escolher este tema específico musical que é tão, tão marcial? Uma vez mais a glorificação da luta anti-colonial até à exaustão. Ouvimos isto há mais de 35 anos! Porque não temos um pouco de sensibilidade para colocar positividade e elevação na própria escolha da música? Precisam os guineenses na Guiné e os guineenses fora da Guiné de continuar no passo marcial? Ou precisam de conhecer o que eles próprios e os outros africanos estão fazendo de melhor? Aqueles que morreram pela nossa liberdade gostariam mesmo é de saber que estamos a construir e estamos a educar os mais novos.

AR – Ouvinte Antónia Lemos Teixeira, residente em Luanda.

IB – O provedor ouviu, sobre estas críticas, o realizador João Diogo e Nuno Sardinha, coordenador de programas da RDP África.

João Diogo é o realizador e apresentador do programa criticado pela ouvinte guineense:

João Diogo – Com todo o respeito que me merecem sempre os comentários dos nossos ouvintes, muito em especial os que estão em África, não compreendi, sinceramente, as referências à “falta de elevação cultural e educacional” a que se refere a nossa ouvinte Antónia Lemos Teixeira. Esta ouvinte da Guiné-Bissau diz que não gostou do início da minha emissão do passado dia 1 de Dezembro (feriado em Portugal, como se sabe) porque sugeri aos ouvintes um dia de repouso ouvindo música, vendo televisão – ficar em casa, já que em Portugal o dia estava frio e chuvoso. Mas como faço sempre disse ainda que outros poderiam também aproveitar para dar um salto à praia, pois tinha acabado de falar exactamente com Cabo Verde e as temperaturas por lá estavam bem altas, e também em Moçambique, onde aquelas praias magníficas nos fazem sentir inveja de quem tem o privilégio de as frequentar. Diariamente me refiro a este contraste de temperatura, de serenidade, de grandeza, de paisagens, etc., entre África e a Europa, pelo que não entendi a crítica da ouvinte Antónia. Que sugere ainda que a empresa proporcione aos jornalistas da RDP-África viagens a Paris e Joanesburgo para que assim nos seja dado “espaço e tempo” para nos irmos “cultivando e cosmopolizando” – utilizando expressões da ouvinte Antónia – a fim de podermos “elevar e actualizar o nível e o conteúdo de comunicação”, diz Antónia Teixeira. O que lhe posso dizer quanto a isto é que, apesar de já ter estado várias vezes em Paris e Joanesburgo, e outros locais bem interessantes pelo mundo, foi nos países da lusofonia – Cabo Verde,

Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Brasil – que mais interesse me despertaram quanto a essa aprendizagem que refere. E penso já ter aprendido bastante ao longo destes mais de 30 anos de jornalismo, de viagens, e espero aprender ainda muito mais. De qualquer forma, ficam registados os seus comentários. E já agora uma sugestão para a nossa estimada ouvinte Antónia e os muitos quadros lusófonos da sua geração que, como ela diz, “se estão a deslocar, enquanto ouvintes, para a Radio France Internationale: não penso que tenham muito a ganhar com a troca.

AR – Como a ouvinte se referia na sua mensagem quer a palavras proferidas pelo apresentador do programa, quer a critérios de escolha musical, o provedor dá também antena ao coordenador de programas da RDP África, Nuno Sardinha:

Nuno Sardinha – Estimada ouvinte: a RDP África é entendida como um mosaico cultural lusófono, e é princípio desta direcção trazer à rádio a mais alargada percepção dos horizontes culturais destes povos cuja riqueza está exactamente na sua diversidade. Se escutar com atenção toda a emissão diária da RDP África poderá constatar que procuramos trazer à antena as mais variadas expressões musicais destes países, sem com isso estabelecermos uma lista de preconceitos. Olhando o exemplo apontado da orquestra Super Mama Djombo, gostaria de lhe lembrar que esta é muito provavelmente a banda de maior expressão cultural da Guiné Bissau, que já passou por diversas gerações e que até hoje se mantém em actividade. Parece-me por isso normal que possa ser ouvida na RDP África. Ter coragem de lembrar temas do período revolucionário em que também a música jogou um papel de intervenção política é afirmar a rádio como um veículo de comunicação entre povos amigos e irmãos onde não existem tabus de qualquer ordem. Imagine o que seria se em Portugal a música de José Afonso deixasse de poder passar nas rádios pelo carácter interventivo das suas composições. Acharia correcto? Gostaria ainda de acrescentar que a emissão da RDP África é composta por programas de autor ajustados a diferentes públicos-alvo consoante os diferentes fusos horários dos países para onde emite. Mesmo assim, há espaço neste mosaico radiofónico para todas as tendências da música de África e que se ouve em África. E por isso também há espaço para as diversas tendências culturais da Guiné-Bissau: Manecas Costa, Rui Sangará, Justino Delgado, Eneida Marta e tantos outros. E claro, também os Super Mama Djombo.

IB – Nuno Sardinha, coordenador de programas da RDP África. Antes ouvimos João Diogo, apresentador do programa. Ambos respondiam a críticas da ouvinte Antónia Lemos Teixeira.

Provedor – Fui ouvir a gravação das palavras do apresentador do programa. E confirmei que este não tem razão. O que ele disse foi mesmo o que a ouvinte lhe atribuiu. Ouçamos com atenção:

Excerto da emissão de 1.12.2009

“Início de mais uma sessão aqui na RDP África. Começámos pela manhã, para lhe fazer companhia ao longo deste feriado. E também para ficar consigo – eu, João Diogo – até às três da tarde. Por isso, já sabe: hoje, programação algo diferente. Porque é feriado, porque iniciámos o mês de Dezembro e vamos por aí fora até final do ano. É o último mês do ano, o tempo não está muito agradável para quem quer sair de casa, no entanto está bom para quem queira ficar em casa a repousar, a ver televisão, a ouvir música, a ficar com a RDP África...

João Diogo
RDP África

Provedor – Não compreendo que se possa fazer uma emissão destinada a Portugal, Guiné-Bissau, Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique e se diga que um programa vai decorrer entre as 11 e as 3 da tarde (sem cuidar das diferenças horárias entre os diferentes países).

Também não compreendo que se possa falar em feriado, no tempo que não está bom para sair de casa... sem haver uma única vez referência a que se estava a falar de Lisboa, Portugal.

Duas horas depois destas frases que chocaram a ouvinte, o apresentador continuava na mesma linha de discurso, centrada em Lisboa e absolutamente esquecida dos seus numerosos outros auditórios – a viverem naquele momento uma jornada de trabalho (e não um feriado) ...em diferentes horas do dia... e em diferentes ambientes meteorológicos.

Considero esta uma questão central ...direi até vital... para que os profissionais da RDP África atinjam de forma sustentada os seus públicos-alvo.

Nuno Sardinha acha que a ouvinte não tem razão ao avisar que muitos quadros lusófonos da sua geração se estão a deslocar enquanto ouvintes para a RFI.

No seu lugar e no de João Diogo, eu daria maior atenção a estas críticas.

Base musical

3

IB – A finalizar, o provedor comenta as duas outras críticas da ouvinte Antónia Lemos Teixeira e as respostas de João Diogo e de Nuno Sardinha. A primeira, sobre uma alegada falta de elevação cultural na RDP África; a segunda, sobre a passagem de música claramente comprometida com a luta de libertação nacional na Guiné.

Provedor – Quanto à elevação cultural, eu também seria mais prudente na resposta, se estivesse na lugar dos criticados. Há coisas que se dizem, entre dois discos, que não resistem a um pouco de reflexão. Pergunta a ouvinte... e eu com ela... por que é que se há-de aconselhar as pessoas a ficarem em casa a ver televisão e a ouvir música e não, por exemplo... a lerem... a irem fazer exercício... a conviver?

As emissões de rádio na Antena 1, na Antena 3, na RDP África, na RDP Internacional não devem ser elitistas. Um espaço como aquele que João Diogo anima é, marcadamente, leve e optimista. Mas não vejo por que é que não há-de veicular também outro tipo de mensagens, um pouco mais preocupadas?

Por fim, quanto a este clássico do grupo guineense Mama Djombo:

Base musical	4	Música Mama Djombo (manter até ao genérico final)
--------------	---	---

Provedor – Tendo a concordar com o argumento invocado por Nuno Sardinha: se fôssemos a aplicar o mesmo princípio, abolíamos da rádio portuguesa, por exemplo, toda a música do PREC.

Não sou a pessoa mais indicada para falar desta música do MamaDjombo em concreto, porque participei na gravação. Desconheço se ela, hoje, é motivo de tensões entre os guineenses.

Mas deixem-me trazer aqui a recordação de um episódio que testemunhei vai para quase três décadas e que considero exemplar da reconciliação entre dois povos que se combateram até à morte.

Se a memória não me atraiçoa, foi precisamente este conjunto que acompanhou a primeira visita de um chefe de Estado guineense a Portugal. Aconteceu no final dos anos 1970, eram presidentes Luís Cabral e Ramalho Eanes.

Final do banquete de Estado oferecido por Eanes a Cabral, no palácio de Queluz. O conjunto guineense começou a tocar, julgo que precisamente esta composição (se não foi esta foi outra com o mesmo sentido).

A embaixadora de S. Tomé e Príncipe quebra o gelo. Levanta-se e vai buscar Ramalho Eanes para dançar.

Lembro-me do então presidente da Assembleia da República, Vasco da Gama Fernandes, que substituiu o presidente português na função dançante... de antigas guerrilheiras da comitiva presidencial nos braços de oficiais do exército português... ao som da música e de palavras que em crioulo louvavam Cabral e a sua luta pela libertação do povo guineense.

Que mais bela imagem da reconciliação e dignidade de dois povos do que representantes militares e políticos da antiga potência colonial nos braços de antigas guerrilheiras e políticas da ex-colónia, entretanto independente, ao som de uma música que glorificavam o fundador do PAIGC, Amílcar Cabral – um engenheiro agrónomo formado em Lisboa e que sempre distinguiu o colonialismo do povo português.

2	GENÉRICO Final	00:25
---	----------------	-------